

# SOBRE O CANSAÇO DA SOCIEDADE

## ABOUT SOCIETY TIREDNESS

José Waldeyr Santos Adelino<sup>1</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Orcid: 0000-0001-6648-3533

Tadeu de Oliveira Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Orcid: 0000-0001-8272-0746<sup>2</sup>



O filósofo Byung-Chul Han, nasceu na Coreia do Sul, fixando-se na Alemanha onde cursou filosofia e é doutor pela Universidade de Friburgo. Professor de filosofia e de estudos culturais na Universidade de Berlim, com inúmeras obras publicadas, Han tem como trabalhos principais: *Sociedade da Transparência*, que tem sua primeira edição em 2016, e *Sociedade do Cansaço*, a publicação tema deste texto.

O livro, que tem a sua primeira publicação em 2015, aborda uma análise do autor sobre a sociedade atual, denominada por ele como sociedade do desempenho que, devido ao excesso de positividade, que leva os indivíduos à exaustão e à ausência de negatividade, transforma-se em uma sociedade do cansaço, com uma série de patologias típicas das primeiras duas décadas do século XXI.

Han trabalha com a perspectiva de que cada época tem as suas enfermidades fundamentais e que passamos por uma época bacteriológica, que acabou com a descoberta dos antibióticos que superamos pela técnica imunológica. Em sua concepção, o começo do século XXI é uma época neuronal e as enfermidades típicas desse período constituem uma violência neuronal.

Doenças como a depressão, o Transtorno de Déficit de Atenção com Síndrome de Hiperatividade (TDAH), Transtorno de Personalidade Limítrofe (TPL) ou a Síndrome de *Burnout* (SB) são as patologias deste início de século XXI, de acordo com ele, infartos causados pelo excesso de positividade, e não de negatividade. Por isso, as tentativas de acabar com a negatividade delas são inúteis.

O autor toma como exemplo o século XX, um século imunológico para comparar com a época atual. Naquele século existia uma divisão nítida entre dentro e fora, amigo e inimigo, próprio e estranho, da mesma forma que a ação imunológica: ataque e defesa. A defesa afasta tudo o que é estranho, mesmo que esse estranho não tenha qualquer intenção hostil. Mesmo que não apresente perigo é eliminado por causa da diferença do que é entendido como comum.

Com relação a época atual, Han afirma que nela se apresenta o desaparecimento da alteridade e da estranheza. Continuando, a alteridade como categoria fundamental da imunologia,

<sup>1</sup> Mestrando em Ciências Sociais e licenciado no mesmo curso pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), atuando nas áreas de pesquisa: Teoria Social; Saúde Mental; Cinema; Ideologia; Trabalho.

<sup>2</sup> Mestrando em Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Graduado em Ciências Sociais – Licenciatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2019). Graduado em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, pela Universidade Potiguar (2011). Membro do Marginália, Grupo de Estudos Transdisciplinares em Comunicação e Cultura.

reage aos aspectos da alteridade do outro, como reação imunológica. Hoje em dia, a alteridade dá lugar à diferença que não provoca nenhuma reação imunológica. Como exemplo, o autor cita que atualmente os imigrantes são vistos mais como um peso do que como uma ameaça.

O paradigma imunológico não se coaduna com o processo de globalização porque a hibridização de fronteiras não estabelecidas não permite o caráter imunológico. De acordo com o filósofo, o desaparecimento da alteridade significa que vivemos numa época pobre de negatividades. Os adoecimentos neuronais do século XXI são estados patológicos devidos a um exagero de positividade.

A violência também provém da positividade e do igual. Citando o sociólogo francês Jean Baudrillard, ele afirma que “Quem vive do igual também perece no igual” (HAN, 2017, p. 15). Vivemos uma obesidade de todos os sistemas atuais – de informação, de comunicação e de produção. Em épocas de super abundâncias, o problema volta-se mais para a rejeição e a expulsão.

A violência da positividade resulta na superprodução, super desempenho ou super comunicação. A violência da positividade é saturante e exaustiva, não privativa e excludente e é por isso que não se percebe de forma direta. A violência neuronal é uma violência inerente ao sistema. As doenças apontam o caminho para uma nova forma de sociedade que está para além da sociedade disciplinar proposta pelo filósofo francês Michel Foucault.

No lugar da sociedade feita de asilos, presídios, quartéis e fábricas entrou a sociedade de desempenho e seus espaços como bancos, prédios de cartórios, *shoppings centers* e academias *fitness*. Os habitantes desta sociedade não são mais sujeitos de obediência, mas sujeitos de desempenho e de produção, empresários de si mesmos.

Os muros que determinam o normal e o amoral se tornaram arcaicos. A sociedade disciplinar dominada pela ação é uma sociedade da negatividade, determinada pela negatividade da proibição. A sociedade atual se desvincula da negatividade, sendo o poder ilimitado sua principal característica. De acordo com Han, no lugar de proibição, mandamento ou lei entram as palavras projeto, iniciativa e motivação.

Enquanto a sociedade disciplinar gera loucos e delinquentes, a de desempenho gera depressivos e fracassados e a positividade do poder é mais eficiente que a negatividade do dever. O sujeito de desempenho é mais rápido e mais produtivo que o sujeito da obediência, porém, o poder não anula o dever porque o sujeito de desempenho continua disciplinado devido ao estágio disciplinar que o pauta.

O imperativo de termos que obedecer a nós mesmos é o que gera a depressão. Discordando do sociólogo francês Alain Ehrenberg, para quem a depressão é a expressão patológica do fracasso, Han afirma que ela não é apenas isso, mas sim a pressão por desempenho, um excesso de positividade. O mandato da sociedade pós-moderna do trabalho reflete uma sociedade que está em guerra com ela mesma.

O trabalho e a exigência por desempenho transformam-se de forma aguda em uma autoexploração, mais eficiente que a exploração do outro porque caminha ao lado do sentimento de liberdade. O explorador é ao mesmo tempo o explorado. Esta autorreferencialidade gera uma liberdade paradoxal. Assim, as doenças psíquicas da sociedade de desempenho são as manifestações patológicas dessa liberdade.

Para Han, o excesso de positividade também se manifesta como excesso de estímulos, informações e impulsos, o que fragmenta e destrói a atenção. A multitarefa é um retrocesso, presente na vida

selvagem. Jogos de computadores geram uma atenção ampla, mas rasa, que se assemelha a atenção de um animal selvagem. As mais recentes evoluções sociais assemelham a vida humana à selvagem.

Existe maior preocupação em sobreviver do que em viver bem, promovendo o desaparecimento do descanso. A cultura pressupõe um ambiente onde seja possível uma atenção profunda e, neste caso, o tédio profundo deve ganhar destaque. Ele constitui o ponto alto do descanso espiritual. Quando contemplamos saímos de nós mesmos e mergulhamos nas coisas. Citando Nietzsche, o filósofo destaca a necessidade de fortalecer o elemento contemplativo, pois é na falta de repouso que a sociedade vai na direção de uma nova barbárie.

A filósofa alemã Hannah Arendt e sua concepção sobre a vida contemplativa também estão presentes na análise de Han. A possibilidade de ação no nascimento dos homens, o milagre, encontra na sociedade moderna, como sociedade do trabalho, um obstáculo porque aniquila toda a capacidade de agir, criar o novo, degradando o homem a um animal trabalhador, o *animal laborans*.

Han destaca que as descrições do *animal laborans* de Arendt não correspondem às observações que podemos fazer na sociedade do desempenho atual. O *animal laborans* pós-moderno é provido do ego ao ponto de quase dilacerar-se, diferente do proposto pela filósofa. Ele não é passivo, nem animalesco, mas sim hiperativo e hiperneurótico. A perda da capacidade contemplativa também é responsável pela histeria da sociedade ativa moderna.

A *vita contemplativa*, conforme Han, pressupõe uma especificidade que intitula como pedagogia do ver. Vivemos em um mundo pobre de entremeios e tempos intermediários, desaprendemos a ira, que pressupõe uma interrupção no presente. Para Han, a dispersão geral da sociedade de hoje não permite a ênfase na ira, que tem a capacidade de irromper um estado e fazer se iniciar um novo. Hoje ela cede lugar à irritação que não produz nenhuma mudança significativa.

O filósofo também ressalta que existem duas formas de potência: a potência positiva – potência de fazer alguma coisa –, e a potência negativa – a de não fazer e dizer não. Se não tivéssemos a potência de não fazer, teríamos uma hiperatividade fatal. Continuando seu raciocínio sobre a negatividade, Han dedica um capítulo inteiro de sua obra para analisar Bartleby, personagem principal do livro *O escriturário*, de Herman Melville, de 1853.

Bartleby pertencia a uma sociedade disciplinar, sendo um sujeito de obediência que não sofre com o mundo pós-moderno. O seu “Prefiro não fazer” não está relacionado à vida contemplativa, não tem potência criadora. Han discorda do filósofo italiano Giorgio Agamben em sua análise sobre o personagem afirmando que a narrativa não se volta na direção de uma esperança messiânica, não é uma história de “des-criação”, mas sim de esgotamento.

Para encerrar a obra, o filósofo ressalta que a sociedade do cansaço, enquanto na sociedade ativa, lentamente se torna uma sociedade do *doping*. O *doping*, por sua vez, possibilita um desempenho sem desempenho e o sucesso da elevação deste desempenho leva a um infarto da alma. Assim, o cansaço da sociedade do desempenho é um cansaço solitário.

Livro para todos que buscam conhecer quais os novos caminhos que a humanidade está construindo, a obra *Sociedade do Cansaço* ultrapassa as barreiras do mundo acadêmico. As novas formas de trabalho e de serviços, as antigas e resistentes formas artesanais, a produção intelectual e artística, todos são temas passíveis de análises pelas vias do texto de Han, uma jornada sobre o cansaço em tempos de excesso de positividade.

## REFERÊNCIA

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2017.